



XXXII COLÓQUIO DO COMITÊ BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE 2012 DIREÇÕES E SENTIDOS DA HISTÓRIA DA ARTE

RESUMOS

Marisa de Oliveira Mokarzel
Universidade da Amazônia – UNAMA

Um lugar na Amazônia: caminhos de uma história da arte por ser escrita

Trata-se de uma reflexão sobre a arte que vem se constituindo no Pará a partir dos anos 1990 e que mereceu da revista Bravo! uma edição especial, em dezembro de 2011. Um dos artigos compara a fase atual com a Belle Époque, sempre lembrada com nostalgia devido às reformulações urbanas e riquezas advindas do período da borracha. Pensa-se que as duas passagens de século promovem mudanças culturais e artísticas, mas são dois distintos instantes. Atualmente há a escrita de uma história descolada das nostalgias e que se circunscreve inserida em novas perspectivas, traçada por outros caminhos. Diante de realidades incomparáveis, detém-se nas tessituras contemporâneas que ocorrem em um contexto complexo de espaços e tempos modificados por redes digitais que alteram as geografias e as relações sociais. Pergunta-se: como pensar a história da arte de lugares que sempre ficaram à margem da história oficial? Como os inserir em uma história que tenha de fato como referência o Brasil em sua amplitude e diversidade? Pode-se acrescentar a estas perguntas outras inquietações. Procura-se saber qual espaço, na contemporaneidade, ocupa a história da arte? Como pode ser escrita levando em consideração os caminhos da arte que se espalham nas mais diversas direções, nos múltiplos espaços, em tempos tão ágeis que fogem ao controle, alterando produções, lugares expositivos e circulação. Para pensar a arte de um lugar específico, no mundo contemporâneo, não se pode esquecer os paradoxos, as complexas tramas e as omissões provenientes de uma história hegemônica promotora de apenas um lado da narrativa histórica. Se na década de 1980, Luiz Braga e Emmanuel Nassar foram um dos primeiros a expandirem seus espaços, a receberem o reconhecimento nacional, testemunha-se nos anos 2000 a confirmação desses primeiros nomes, e a de outros como Dirceu Maués (Rumos Visuais/Bolsa residência na Alemanha), Armando Queiroz (Prêmio Marcantonio Vilaça), Guy Veloso (última Bienal de São Paulo) ou Berna Reale (destaque no atual Rumos Visuais). Analisar o contexto em que esses e outros artistas vêm se destacando requer a atenção voltada para as questões aqui apresentadas que envolvem especificidades próprias de uma região, no caso a Amazônica, e outras que se dão em um intrincado espaço mais amplo, de fluxos constantes que afetam uma realidade artística que tem que ser repensada para ser escrita em uma história da arte menos hegemônica e desigual.